

## ARTÍCULO


### O que busca aquele que busca a Verdade?

### What does seek who search for the Truth?

*César Miguel da Silva Costa*

UNIVERSIDADE DO PORTO, PORTUGAL

[cesarmscosta@gmail.com](mailto:cesarmscosta@gmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0002-3365-1649>

**Resumen:** Partiendo de la vida de Edith Stein, pretendemos acercarnos de la búsqueda de la Verdad, que ella buscó con diligencia y que encontró en la persona de Jesucristo, como ella misma reconoce: “Quien busca la verdad, busca a Dios, sea consciente de ello o no”. Esta búsqueda incesante de la Verdad, asumida por la fe después de su conversión, es la base sobre la que construye su pensamiento y su vida. Tomando la Verdad como camino de búsqueda, partiremos de la pregunta que Pilatos hizo a Jesús – ¿Qué es la verdad? (Jn 18,38) – que sigue resonando en aquellos que, como Edith, se dejan interpelar y que, buscando respuestas, son finalmente encontrados por ella. A la sombra de esa misma Verdad, encontraremos, en el transcurso de su vida, el reflejo de sus manifestaciones que «su mente no se cansaba de investigar y su corazón de esperar», como decía San Juan Pablo II, hace 25 años, en su canonización. Es decir, intentaremos averiguar qué procuran quienes buscan la Verdad, identificando distintas fases de su vida, partiendo de esa misma verdad, desde los conceptos latino, griego y hebreo, como cimientos que sustentan y proyectan la vida de esta singular mujer del siglo XX.

**Palabras clave:** Edith Stein, búsqueda, encuentro, Verdad, conversión, Shoah.

#### **Abstract:**

Starting from the life of Edith Stein, we intend to approach the search for Truth, which she sought with determination and which she found in the person of Jesus Christ, as she herself acknowledges: "Whoever seeks the Truth seeks God, whether they are aware of it or not." This relentless search for Truth, embraced through faith after her conversion, is the basis on which she builds her thoughts and her life. Taking Truth itself as a path of search, we will begin with the immortalized question posed to Jesus by Pilate - What is Truth? (John 18:38) - which continues to resonate in the hearts of those who, like Edith, allow themselves to be challenged and, who, seeking answers, are finally found by her. In the shadow of this same Truth, we will discover, throughout Edith Stein's life, the reflection of her manifestations that "her mind never tired of investigating and her heart of hoping", as Saint John Paul II said, 25 years ago, at her canonization. In other words, we will attempt to uncover what those who seek Truth are looking for, identifying different phases in her life, grounded in this very truth, drawing on latin,



greek, and hebrew concepts as the pillars that sustain and project the life of this extraordinary woman of the 20th century.

**Keywords:** Edith Stein, search, encounter, Truth, conversion, Shoah.

**Recibido:** 23 de julio de 2023 / **Aceptado:** 22 de julio de 2024



Esta obra y todos sus artículos están bajo una [Licencia Creative Commons Atribución 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/). Revista gratuita de distribución on-line

## INTRODUÇÃO

Quando se refere a Edith Stein, a ideia primeira que ocorre é de uma mulher que procurou a Verdade, de forma incansável; uma mulher buscadora intrépida da Verdade, que não descansou até a encontrar. Na conceção de tal traço identitário, muito contribuíram diversos autores, especialistas da sua vida e obra, nos mais diversos livros e artigos que, invariavelmente, a colocam nesse trilho de procura da verdade. O contacto com a sua biografia ajuda a perceber como Edith se destaca pela sua sensibilidade intelectual, não se contentando com respostas e gerando novas perguntas, como é próprio no campo da filosofia, o que a tornam singular. É nesse terreno, na filosofia, que Edith se movimenta e se destaca, tornando-se ela mesma companheira de jornada de Edith Stein, numa incessante procura de respostas. Na filosofia encontra o espaço privilegiado, onde coloca novas perguntas, votada, particularmente, à fenomenologia como «uma aproximação da realidade, da qual sente uma necessidade quase física: ser capaz de pisar terreno sólido, o da objetividade, livre do relativismo kantiano e certa de que se pode conhecer a “coisa em si”, ou seja, estar mais perto da humanidade»<sup>1</sup>.

Neste sentido, quando se fala em filosofia, esta reveste-se de uma série de preconceitos, que dá a ideia de se falar de um mundo paralelo e algo abstrato alheio à realidade e que, portanto, não serve à sociedade, dado que não oferece nada de concreto e prático. No entanto, em si mesma, a filosofia, por significar literalmente *amor à sabedoria*, acarreta consigo um amor à verdade e capacita o ser humano a assumir uma atitude crítica e autêntica. Oferecendo caminhos alternativos de pensamento, alicerça-se na verdade como matriz pela qual se pode questionar o mundo e as coisas, de tal forma que a filosofia se torna «uma ‘paixão’, que assume a pessoa, não apenas na sua intelectualidade, mas também, no seu coração e a lança, constantemente, na busca da Verdade. É precisamente aqui que se encontra o centro de toda a filosofia e de cada filósofo ou filósofa: na busca insaciável da Verdade»<sup>2</sup>. Em Edith Stein, esta busca da Verdade, centro da sua vida, é muito mais do que conceptual ou teórica: torna-se estilo de vida, abarca o seu pensamento como um todo, arrasta a sua vida numa implicação que a leva a tomar opções decisivas; em suma, engloba toda a sua vida e constitui, apenas um só, em que o pensar, o crer e o agir se alinham e perspetivam na mesma direção, mostrando-nos que «com o seu filosofar e a

---

<sup>1</sup> Antonio Quaglietta, *Empatia e teoria della conoscenza in Edith Stein* (Roma: IF Press, 2018), 22.

<sup>2</sup> Edith Stein, *La Pasión por la Verdad*, trad. por Andrés Bejas (Buenos Aires: Bonum, 2003), 7.

sua vida é possível aceder, pelo pensamento, à fé e que há pessoas nas que a filosofia e a vida pessoal, na fé, não se contradizem»<sup>3</sup>.

Edith Stein faz da busca da verdade o seu objetivo e busca-a, de forma incansável, para se realizar, descobrindo que, somente buscando a verdade poderá encontrá-la: «luta e busca o sentido da sua vida, do seu ser e do seu fazer. Sabe que a verdade é possível e acessível ao homem»<sup>4</sup>.

Se é a verdade que pautará e guiará o seu caminho, numa constante e insaciável busca, fazendo da filosofia a sua vida, mesmo depois da conversão e da entrada no Carmelo, torna-se evidente e incontornável que vários livros biográficos nos seus títulos ou subtítulos, ressaltem essa relação, como por exemplo: *Edith Stein ou a busca da verdade*<sup>5</sup>; *Edith Stein: na busca da verdade*<sup>6</sup>; *Uma mulher diante da verdade*<sup>7</sup>; *A verdade simples de Edith Stein - viver nas mãos do Senhor*<sup>8</sup>; *Onde está a verdade? Busco-a com paixão. Por fim encontrei a Verdade*<sup>9</sup>. Da mesma forma que ocorre com os títulos dos livros, acontece com os diferentes capítulos dos mais variados livros, em que se destaca a busca da Verdade como marca persistente na vida de Edith Stein. Não obstante, como são livros essencialmente biográficos, vão desfiando a sua história, e a partir dela oferecem a oportunidade de fazer um caminho de descoberta da vida desta mulher carismática, que tornara referência. Naturalmente que é a sua vida num todo – contemplando os seus escritos, o seu percurso pela filosofia e, mais tarde, o diálogo com a Palavra de Deus e com a filosofia cristã e a teologia, até à entrega da sua vida, consumada no Holocausto – em articulação com o contexto cultural, político e social, em que se insere, que revelam o verdadeiro *curriculum* de Edith e que nos convidam e projetam, também, a empreender esse caminho, sempre, desafiante e novo, de busca da verdade. Na Encíclica *Fides et Ratio*, o Papa São João Paulo II evidencia como «a relação entre a filosofia e a palavra de Deus manifesta-se fecunda, também, na investigação corajosa realizada por pensadores mais recentes, de entre os quais, me apraz mencionar, no âmbito ocidental,

---

<sup>3</sup> Stein, *La Pasión por la Verdad*, 15.

<sup>4</sup> García Lozano y Rafael Ángel, «Edith Stein: entre el nazismo y la esperanza», en *Actas X Congreso Católicos y Vida Pública. "Cristo, la esperanza fiable"*, Universidad CEU San Pablo (Madrid: CEU Ediciones, 2009), 424.

<sup>5</sup> Cf. Ciro García, *Edith Stein o la búsqueda de la verdad* (Burgos: Monte Carmelo, 2009).

<sup>6</sup> Cf. Viki Ranff, *Edith Stein: En busca de la verdad* (Madrid: Biblioteca Palabra, 2005).

<sup>7</sup> Cf. Ezequiel García Rojo, *Una mujer ante la verdad: aproximación a la filosofía de Edith Stein* (Madrid: Editorial de Espiritualidad, 2002).

<sup>8</sup> Cf., Ezequiel García Rojo, *La sencilla verdad de Edith Stein. Vivir en las manos del Señor* (Madrid: Editorial de Espiritualidad, 2011).

<sup>9</sup> Cf. António Moiteiro Ramos, *Onde está a verdade? Busco-a com paixão. Por fim encontrei a Verdade!* (Aveiro: Carmelo de Cristo Redentor, 2018).

personagens como John Henry Newman, António Rosmini, Jacques Maritain<sup>10</sup>, Étienne Gilson, Edith Stein» – e, continuando, desafia – «a consideração do itinerário espiritual destes mestres não poderá deixar de contribuir para o avanço, na busca da verdade, e na utilização dos resultados conseguidos para o serviço do homem» (FR 74).

Partindo da vida de Edith Stein, como invariável ponto de partida e de chegada, dá-se ênfase agora a essa busca da Verdade, que ela procurou com afincado e que encontrou na pessoa de Jesus Cristo, pois como ela própria reconhece e afirma: «Quem busca a verdade busca a Deus, seja consciente disso ou não»<sup>11</sup>.

Pretende-se, então, perscrutar essa procura da Verdade, percorrida por Edith, conscientes de que «a busca da verdade é a realidade e constitui o elemento fundamental da especulação filosófica de Stein e a fé é a condição necessária, para ela, após a conversão»<sup>12</sup>.

Mas, afinal, o que busca quem procura a verdade? Como se manifesta essa verdade na vida concreta? «Sem dúvida, o Homem, para ter uma “boa consciência” (1 Tim 1,5), deve procurar a verdade e julgar segundo esta mesma verdade» (VS 62).

Sabendo que Edith perseguiu esse caminho de procura da verdade, tentaremos visitar a origem etimológica deste termo. Do conceito *verdade* recuperamos, para aqui, três conceções diferentes, que nos permitem fazer dela a régua, pela qual mediremos a extensão deste caminho de procura. Revisitando a origem etimológica latina, grega e hebraica, queremos, assim, descobrir como as diferenças conceptuais geram caminhos novos abrem diante de nós perspectivas e ampliam o seu significado primeiro e imediato. Ousaremos partir de cada uma dessas conceptualizações ao encontro da vida de Edith Stein, procurando identificar como se manifesta no seu percurso. Apesar de nos debruçarmos sobre a vida de uma filósofa, cuja existência e pensamento são pautados pela filosofia, não enveredaremos pela questão, muito debatida e rica, da verdade na filosofia – apesar de reconhecermos que há necessidade desse terreno como base de apoio – não apenas por reconhecermos não ser o objeto do nosso estudo, mas, acima de tudo, por considerarmos que o fundamental é revisitar o conceito nessas suas três géneses e

---

<sup>10</sup> «J. Maritain, com quem manteve uma relação de amizade, desde a sua participação em 1932, no congresso internacional tomista, realizado em Juvisy, perto de Paris». Laurentino Novoa Pascual, «Edith Stein: Pasión por la Verdad, Pasión por Dios», *Revista STAUROS, Teología de la Cruz* 39 (2003): 73.

<sup>11</sup> Edith Stein, «Carta 536 (23.III.1938)», *Obras Completas*, vol. I, *Escritos Autobiográficos y Cartas*, dir. por Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho (Vitoria-Madrid-Burgos: Editorial Monte Carmelo-Ediciones El Carmen-Editorial de Espiritualidad, 2002), 1251.

<sup>12</sup> Augusta Fiore, *Edith Stein fra filosofia, ebraismo e cristianesimo* (Napoles: Chirico, 2017), 25.

tentar descobrir como se entrelaçam, tocam ou afastam, entre si, num paralelo com a vida de Edith Stein.

Essa verdade, que Edith tanto buscou e que procuraremos identificar na sua vida, levou-a «a renúncias, a incompreensões, a inimizades, mas, está disposta a sacrificar, tudo isto, para encontrá-la. Entende que esta tarefa é pessoal e que ninguém pode fazê-la por si»<sup>13</sup>.

Tomando a vida de Edith Stein, a partir de 1906, altura em que abandona os estudos e decide cortar relações com a religião judaica, que lhe fora transmitida em casa, particularmente, pelo exemplo e piedade da mãe, até ao momento da sua conversão, em 1921, a sua vida é um turbilhão de experiências, ensaios e provas, sempre, procurando a verdade. Tendo por base esta sua procura e este período da sua vida, 1906-1921, ousaremos nele identificar três fases evolutivas diferentes, três períodos distintos, que modelam esse caminho. Enquanto procuraremos visitar o conceito etimológico da *verdade*, no latim, no grego e na língua hebraica, pretendendo descobrir como entre eles se diferenciam e se aproximam, buscaremos, também, descobrir e perceber como essa verdade, diferente nos seus conceitos, se relaciona e entrelaça nas diferentes fases, da vida de Edith Stein, que identificamos como: a fase de convulsão (1906-1912), a fase do desvelamento (1913-1916) e a fase do encontro (1917-1921).

#### 1. *VERITAS*: FASE DE CONVULSÃO

Começamos pela *verdade* na origem latina – *veritas, atis* – que mais se aproxima da nossa linguagem e da nossa tradição cultural ocidental, o que nos faz descobrir a *verdade* como «autenticidade, axioma, fidedignidade, fidelidade, realidade, sinceridade, veracidade, veras, veridicidade»<sup>14</sup>. Esta é aquela interpretação, que herdamos, enquanto ocidentais, que se aproxima, como vemos, da ideia de *exatidão, facto, rigor*. Este significado, muito próximo daquele que atrás apresentamos, em primeiro lugar, confere ao discurso e ao pensamento um estatuto de *verdade* e *precisão da realidade*, ao mesmo tempo que alinha, em conformidade, *a ideia com o objeto, o dito com o feito*, gerando, assim, *autenticidade* e estabelecendo e definindo a própria *realidade*. Facilmente percebemos, porque pauta a nossa forma de pensar, que daqui brotam outros termos do nosso quotidiano, que se entrelaçam com este conceito de *verdade*, tais como *verosímil, veredito* ou *verificável*. Por oposição a

---

<sup>13</sup> García Lozano, «Edith Stein: entre el nazismo y la esperanza», 424.

<sup>14</sup> *Dicionário Houaiss do Português Atual*, «Verdade», ed. Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar (s.l.: Círculo de Leitores e Sociedade Houaiss-Edições Culturais, 2011), 2370.

esta *verdade*, que na sua etimologia latina aponta para algo que é corroborável e comprovável, encontramos a mentira, como falsificação de factos, a adulteração da realidade ou do dito, a inexistência de exatidão e ou rigor, e, portanto, não possível de comprovar.

Na mesma linha desta definição, que brota da etimologia latina, o *Dicionário Breve de Filosofia* aponta este conceito como primeiro sentido, afirmando que «na filosofia clássica, a verdade define-se como adequação do intelecto ao real. É entendida como uma propriedade dos juízos, que podem ser verdadeiros ou falsos, dependendo da *correspondência* entre o que afirmam ou negam e a realidade de que falam»<sup>15</sup>. Partindo e dependendo do processo de como os factos são narrados, a verdade é assim entendida como uma propriedade de juízos que está para além da conformidade, apresentada atrás, da ideia com o objeto, o dito com o feito, posto que podem ser verdadeiros ou falsos, fazendo-o depender da realidade.

Paralelamente a este conceito latino de *verdade*, balizamos, como primeira fase na vida de Edith Stein, os anos compreendidos entre 1906 e 1912. Para trás, e antes desta primeira fase, a que chamamos fase de convulsão, estão os primeiros 15 anos de vida de Edith, marcados por uma certa prosperidade, não obstante, a morte de seu pai, quando ela tem apenas dois anos de idade, o que conduz, inevitavelmente, a alguma instabilidade familiar e económica. O espírito empreendedor e diligente da sua mãe, com quem Edith Stein mantém uma relação umbilical e de profunda união, talvez, por ser a mais nova, faz ultrapassar a conjuntura e prosperar o negócio familiar das madeiras, recuperando o dinamismo, sem descurar o ambiente familiar. Nestes primeiros 15 anos da sua vida, como em todos os casos, vai-se forjando a sua personalidade, criando as bases da mulher que se tornará e cimentando os alicerces, os quais sustentarão o distinto espírito de busca da verdade.

É aqui, no início desta fase, em 1906, com 15 anos, que Edith, almejando uma maior independência, atravessa um período de crise pessoal que a faz abandonar os estudos, e de crise espiritual, que a leva a colocar de lado a religião que herdara, por não encontrar nela sentido algum e, muito menos, respostas para a sua vida. Ausenta-se de Breslávia, da casa materna, para a casa da irmã Else, dedicando-se a cuidar dos sobrinhos. Esta crise, agora experimentada no afastamento do seu quotidiano, levam-na a ensaiar uma vida diferente, de responsabilidades e intercâmbios, e como todas as crises, «manifesta-se como um facto extraordinário, que provoca, sempre, um sentimento de trepidação, angústia, desequilíbrio e incerteza nas opções a tomar.

---

<sup>15</sup> *Dicionário Breve de Filosofia*, «Verdade», ed. Alberto Antunes, António Estanqueiro, Mário Vidigal, 5ª ed. (Lisboa: Editorial Presença, 2005).

Como lembra a raiz etimológica do verbo *krino*, a crise é aquele crivo, que limpa o grão de trigo depois da ceifa»<sup>16</sup>. Na crise, que será uma constante na vida de Edith Stein, ela tem a possibilidade de se recompor, de se distanciar para ver melhor, com mais amplitude, de parar, para, em modo de pausa, poder perscrutar-se a si mesma. O Papa Francisco, no discurso de 21 de dezembro de 2020, à Cúria Romana, mostra como «a própria Bíblia está povoada por pessoas, que foram “passadas pelo crivo”, por “personagens em crise”, mas que, precisamente, através dela, realizam a história da salvação»<sup>17</sup>, elencando depois vários exemplos, de Abraão a Jesus. É este tempo de crise que a faz assim depurar o seu querer, ao mesmo tempo que se torna propício para entender-se a si própria. Depois de um tempo, regressa a Breslávia decidida a retomar os estudos com entusiasmo, mas, agora, sem o peso da religião, que ela própria sentia que a oprimia. A busca da verdade começa aqui, rubricada pela crise, ao ganhar consciência de si mesma e ao tomar as rédeas da sua vida, na busca de algo que, verdadeiramente, a preencha, sem rodeios. Essa *verdade*, enquanto *veritas*, vai-se materializando na autenticidade, na *fidelidade à realidade*, que tem diante de si, assumindo uma atitude de *sinceridade* para consigo e ao que procura. A crise que atravessa, catapultada Edith de Breslávia para Hamburgo, da casa materna para a casa da irmã, da prerrogativa de filha mais nova para a cuidadora dos sobrinhos, o que a faz conhecer uma nova realidade. Será essa nova realidade, a devolver Edith a Breslávia, agora, com uma nova mentalidade, não obstante, terem passado poucos meses.

Retomando os estudos, dedica-se a eles com afinco, concluindo o ensino médio e passando para a Universidade, que se tornará, rapidamente, «no seu querido lar, na sua *alma mater*»<sup>18</sup>. Envereda pela psicologia, acompanhada pela filosofia e outras disciplinas, mas vai percebendo que a psicologia não responde à sua ânsia de conhecimento da verdade e, apenas, faz com que afunde mais, vincadamente, no ateísmo. «Edith Stein buscava uma filosofia, que lhe mostrasse como conhecer as regras mais elementares do pensar e as verdades mais importantes do conhecimento, sobre as quais se constroem as outras ciências»<sup>19</sup>. É aqui, neste contexto universitário, no contacto com a psicologia e com as filosofias, que Edith vai fazendo caminho, nesta sua busca da verdade. Com os estudos vai procurando harmonizar o intelecto e o real, vai

---

<sup>16</sup> Francisco, *Discurso à Cúria Romana, por ocasião da apresentação das felicitações de Natal* (21 de dezembro de 2020), acessado a 12 de julho de 2023, [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2020/december/documents/papa-francesco\\_20201221\\_curia-romana.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2020/december/documents/papa-francesco_20201221_curia-romana.html).

<sup>17</sup> Francisco, *Discurso à Cúria Romana, por ocasião da apresentação das felicitações de Natal*, acessado a 12 de julho de 2023.

<sup>18</sup> García Rojo, *Una mujer ante la verdad*, 24.

<sup>19</sup> Michael Schulz, «Edith Stein, de Peregrinación hacia Dios Verdad», *Cuadernos de Pensamiento* 13 (1999): 148.



outorgando ao seu pensamento a precisão da realidade, gerando, em si própria, *autenticidade*, que, como já atrás vimos, vai estabelecendo e definindo a própria *realidade*.

## 2. 'ALETHEIA': FASE DO DESVELAMENTO

Ao avançarmos na vida de Edith Stein e neste conceito da verdade, encontramos outras duas abordagens etimológicas – a grega e a hebraica – que carregam um significado maior e mais profundo, quer pelo conceito em si, quer em articulação com a respetiva fase da vida de Edith, com as suas diferenças e correspondências.

Continuando a análise etimológica, desta vez, partindo do grego, encontramos o conceito de *verdade* entendido por ἀλήθεια ('aletheia'), termo composto por dois elementos: 'a', que exprime negação, e 'lethe', que significa ocultamento. Assim, numa primeira e rápida análise, segundo o conceito grego, a *verdade* é aquilo que não está oculto, que não se esconde, que não está encoberto ou escondido: «na linguagem corrente chamamos verdadeiro um pensamento ou uma palavra que é conforme ao real, ou ainda a própria realidade que se des-vela, que é clara, evidente ao espírito (gr. a-lethes = não-oculto). É a concepção intelectualista dos gregos, e que é, normalmente, a nossa»<sup>20</sup>. Esta verdade, entendida como 'aletheia', corresponde, sumariamente, ao entendimento de que a *verdade* reside nas coisas mesmas que aparecem e que, para as alcançarmos, é preciso descobri-las; é necessário estabelecer «a concordância entre o pensamento e a realidade, ou então, a própria realidade enquanto se revela ao espírito»<sup>21</sup>. É nesta concordância entre o pensamento e a realidade, que assenta o conceito *verdade* para os gregos, o que influenciará a própria filosofia e pensamento filosófico, no constante desejo de chegar «à clareza, à compreensão teórica e intelectual»<sup>22</sup>.

É assente neste conceito grego de *verdade*, e em relação e harmonia com ele, que descobrimos e propomos a identificação da segunda fase da busca da verdade, na vida de Edith Stein, de 1913 a 1916, que chamamos de fase do desvelamento. Neste período, apesar de Edith, ainda, não conhecer o tempo das respostas definitivas e não ter encontrado aquilo que ela mesmo reconhecerá como a verdadeira fé, fá-la já entrar na senda, que a conduzirá a essa meta, sem que

---

<sup>20</sup> Ignace de la Potterie, «Verdade», em *Vocabulário de Teologia Bíblica*, ed. Xavier Léon-Dufour, trad. Simão Voigt (Petrópolis: Vozes, 1972), 1057.

<sup>21</sup> Ignace de la Potterie, «Verdade», em *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, ed. A. Van Den Born (Petrópolis et al: Vozes, 1971), 1547.

<sup>22</sup> De la Potterie, «Verdade», em *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, 1547.

disso ela não tenha consciência. É nesta fase que encontra caminhos, seguros e firmes, que a conduzirão à terceira fase, a do encontro. À semelhança da *verdade*, na etimologia grega, também, nesta fase da vida de Edith, acontece, gradualmente, a *negação do ocultamento*, ou seja, vai-se revelando o que estava *encoberto*, *escondido*, tornando-se-lhe *claro* e *evidente*, que lhe dá firmeza no trilhar do caminho de procura da verdade empreendida.

A ideia de exatidão, de facto e de rigor que lhe transmitira, num primeiro momento, a psicologia – e que, como vimos, coincidia com o conceito latino de *verdade* – aos poucos desvanece-se. A visão que esta oferece do ser humano é simplista e mecanicista, o que a faz buscar soluções noutras visões. É este desencanto pela psicologia e pelos estudos, frequentados na universidade de Breslávia que a levam a descobrir, em finais de 1912, a fenomenologia, pano de fundo desta fase de desvelamento, e trampolim para a fase seguinte.

Todos os meus estudos em psicologia levaram-me a acreditar que essa ciência ainda era embrionária. Faltava o fundamento necessário de ideias básicas claras e a própria ciência foi incapaz de elaborar essas suposições. Por outro lado, o que eu sabia da fenomenologia até aquele momento, me entusiasmava, porque consistia fundamental e essencialmente num trabalho de esclarecimento<sup>23</sup>.

Esta escola de pensamento filosófico, fundada por Edmund Husserl, encontrava-se em plena ebulição em Gotinga, para onde se muda nos princípios do ano 1913, com a ideia de, apenas, aí estudar um semestre, mas, no final desses meses, a psicologia já tinha dado lugar à fenomenologia, como a própria Edith afirma: «Eu tinha-me imergido, completamente, na fenomenologia. E, agora, o meu desejo ardente era continuar a trabalhar com Husserl»<sup>24</sup>.

Esse entusiasmo vibrante fá-la permanecer em Gotinga o restante tempo universitário, o qual a conduzirá ao doutoramento, completamente arrebatada por este novo método, e pelo seu mestre, que «demonstrava que a verdade existe com independência dos atos da alma, por meio dos quais conhecemos a verdade»<sup>25</sup>. Segundo a fenomenologia<sup>26</sup>, na qual Edith Stein se

---

<sup>23</sup> Edith Stein, *Estrellas amarillas. Autobiografía: infancia y juventud*, trad. Carlos Castro Cubells e Ezequiel García Rojo (Madrid: Editorial de Espiritualidad, 2006), 203.

<sup>24</sup> Stein, *Estrellas amarillas*, 249.

<sup>25</sup> Schulz, «Edith Stein, de Peregrinación hacia Dios Verdad», 148.

<sup>26</sup> Movimento filosófico, que desponta no século XX e que reclama um regresso ao objeto e ao ser; ciência que estuda e fundamenta o conhecimento nos fenómenos da consciência e advoga que todo o conhecimento acontece, a partir de como a consciência interpreta esses mesmos fenómenos; método assente no deixar que as coisas mesmas se tornem acessíveis no seu conteúdo essencial.

especializará com Husserl, o fenómeno é aquilo que se mostra, que não se oculta, que se desvela, ou seja, o ‘a-lethes’, segundo a terminologia grega. Há, assim, vários níveis de o fenómeno se poder desvelar, seja ele um objeto, um indivíduo ou um acontecimento<sup>27</sup>.

Esta nova fase na vida de Edith Stein, que começa com um encontrar de resposta ante o desencanto que a psicologia lhe trouxera, será uma fase de desvelamento. Será uma marca vital, que influenciará a vida e o pensamento de Edith Stein, mantendo-a viva nessa procura da verdade, que, agora, ganha novos contornos e novo impulso. Fabrice Midal, na sua exposição, em *O que é a Verdade?*, fala-nos desta *verdade*, que se desvela ao espírito, referindo-se à poesia, que dialoga e se relaciona, profundamente, com a verdade:

o canto das Musas remete-nos a aletheia, traduzida, apressadamente, por “verdade”, mas que do ponto de vista etimológico significa “sem Lethe”. Lethe, na mitologia grega, é o rio no qual as almas, bebendo dele, após a morte, perdem o contato com o que eram. Elas perdem a relação com a memória. Ser tocado pelas Musas significa ser a-lethe: lembrar o que se é e mantê-lo vivo dentro de si<sup>28</sup>.

A fenomenologia, que Edith encontra em Husserl e em Gotinga, marcando esta fase de desvelamento, acompanhará toda a sua vida, de tal forma, que a projetará ao encontro da Verdade, ensaiando, sempre, novos caminhos. Este método de investigação filosófica, que aqui começa, não lhe desvela um novo caminho, que se pode encerrar neste mesmo período. Aqui começa uma nova fase de descoberta, que se vai desvelando e pautará toda a sua vida, a ponto de não podermos entender o seu pensamento se não tivermos, em conta, a evolução deste mesmo pensamento filosófico. «Aqueles que conhecem, de perto, o que significa a fenomenologia perceberão, isso, ao ler qualquer um dos seus escritos posteriores, especialmente, aqueles que são de natureza mais sistemática»<sup>29</sup>, como aqueles em que colocará em diálogo com a fenomenologia, numa fase posterior, como a filosofia cristã e a mística, passando pela poesia, sem esquecer aqueles que serão os seus escritos antropológicos.

---

<sup>27</sup> Cf. Johannes Hirschberger, *Historia de la Filosofía*, tomo II, *Edad Moderna, Edad Contemporánea* (Barcelona: Editorial Herder, 1976), 395-404.

<sup>28</sup> Fabrice Hadjadj e Fabrice Midal, *Che cos'è la verità?* (Torino: Lindau, 2019), 21.

<sup>29</sup> Edith Stein, «Introducción», en *Obras Completas*, vol. II, *Escritos Filosóficos (Etapa Fenomenológica: 1915-1920)*, dir. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho (Vitoria-Madrid-Burgos: Editorial Monte Carmelo-Ediciones El Carmen-Editorial de Espiritualidad, 2005), 39.

A mudança para Gotinga representa não apenas o encontro de um terreno fértil acadêmico, onde crescerá intelectualmente, explorando a fenomenologia e deixando-se guiar por Husserl, ela que estava já convencida: «Eu estava já convencida de que Husserl era o filósofo do nosso tempo»<sup>30</sup>.

Mas Gotinga significa, igualmente, o espaço privilegiado de encontro com a fé através de outros que frequentam os mesmos ambientes, entre os quais, Adolfo Reinach, o casal Conrad-Martius, Max Scheler. Deste último reconhece: «Este foi o meu primeiro grande contacto com este mundo [da fé] para mim completamente desconhecido. Não me conduziu, ainda, à fé, mas abriu-me a uma esfera de “fenómenos”, ante os quais nunca mais poderia passar, cegamente»<sup>31</sup>.

Aos poucos o terreno vai-se preparando, não apenas no campo intelectual, mas, sobretudo, no plano espiritual. As diferentes experiências vão sulcando o terreno e preparando-o para a fase da sementeira. A experiência do religioso, que começara em casa, no contexto familiar e judaico, tinha dado lugar ao afastamento e, com o estudo da psicologia, tinham-na conduzido ao ateísmo. Agora, vai experimentando uma nova fase, de aproximação e conversão, que se vai operando, no silêncio, com pequenos gestos, presenças e rostos. E se o círculo de amigos, que a rodeiam influencia, a fenomenologia assiste, operando uma purificação intelectual ao ponto de ela mesma afirmar: «Não foi em vão quando nos incutiram que deveríamos ter todas as coisas diante dos olhos sem preconceitos e despojados de todas as “vendas”. As limitações dos preconceitos racionalistas, nos quais fui educada, sem saber, caíram, e o mundo da fé apareceu, de repente, diante de mim»<sup>32</sup>.

Estes tempos novos, em Gotinga, são de entusiasmo e abertura, onde a crise sentida e experimentada, anos antes, dá lugar a respostas. Entusiasmada, aberta à novidade e sedenta de conhecimento, Edith encontra, em Gotinga, o limiar de um novo caminho, na busca da verdade. E esta verdade, entendida no conceito grego, em relação com esta fase de desvelamento da vida de Edith Stein, reside nas coisas, que aparecem e que só se alcançam quando se descobrem, quando se estabelece essa harmonia entre *pensamento e realidade* e quando essa mesma realidade se *revela*, se *desvela* ao espírito. É durante esse período universitário – que significa, em si mesmo, uma fase de *clareza* e de *compreensão intelectual*, à semelhança da interpretação da *verdade*, para os gregos – que rebenta a Primeira Guerra Mundial. Este *grande acontecimento*<sup>33</sup>, nome que Edith dá

---

<sup>30</sup> Stein, *Estrellas amarillas*, 199.

<sup>31</sup> Stein, *Estrellas amarillas*, 239.

<sup>32</sup> Stein, *Estrellas amarillas*, 239.

<sup>33</sup> Cf. Stein, *Estrellas amarillas*, 274.

à Primeira Grande Guerra, desponta nela o seu sentido humano e patriótico: «No dia seguinte, domingo<sup>34</sup>, foi a declaração de guerra. Rose veio cumprimentar--me. Fiquei a saber, por ela, que se preparava um curso de enfermagem para as alunas. Imediatamente, me inscrevi e, a partir daquele momento, ia todos os dias ao Hospital de Todos os Santos»<sup>35</sup>.

Umás semanas mais tarde, tendo participado nestas formações e colocando uma pausa nos seus estudos, no final do semestre é chamada a colaborar na Cruz Vermelha, trabalhando como voluntária. Sente que não poderia ficar parada quando todos os seus colegas eram chamados para a frente de batalha<sup>36</sup>. Nesta fase de desvelamento, esta experiência é, também ela, um encontro com a *verdade* que procura. O confronto com o sofrimento humano e com as consequências da guerra, o cansaço e a perturbação de quem se sente dividida, entre o voluntariado e os estudos, que interrompera, sedimentam essa concordância entre pensamento e realidade. Sem sombra de dúvida, que este registo de voluntariado, de apenas aproximadamente meio ano, em 1915, se tornam uma oportunidade para a própria realidade, que se desvela e se torna, ainda, mais evidente e clara.

O ano de 1916, não obstante a Guerra que continuava a grassar a Europa, arrancando milhares, de todos os lados, para os campos de batalha, torna-se de verdadeiro desvelamento para Edith Stein. Dois acontecimentos-chave tornam-se epifania de uma nova fase, que se avizinha, coroando esta segunda etapa e abrindo, diante dela, uma terceira e decisiva fase: a do encontro. O primeiro acontece na sua viagem para Friburgo, para onde, entretanto, se havia mudado. Parando em Frankfurt e visitando a catedral arrebatava-a a atitude de uma mulher, que entra para fazer um momento de oração.

Entramos uns minutos na catedral e, enquanto estávamos aí em respeitoso silêncio, entrou uma senhora com a sua cesta do mercado e ajoelhou-se, profundamente, num banco, para fazer uma breve oração. Isto foi algo, totalmente, novo para mim. Nas sinagogas e igrejas protestantes, às que já tinha ido, apenas, se ia para os serviços religiosos. Mas, aqui, alguém veio, no meio do trabalho diário, à igreja vazia como para um diálogo confidencial. Isto não o pude jamais esquecer<sup>37</sup>.

---

<sup>34</sup> Possivelmente, Edith equivoca-se nesta referência a *domingo*, em que se dá a declaração de guerra. A primeira declaração de guerra, feita pela Alemanha, é contra a Rússia, no dia 1 de agosto de 1914, que era sábado. A Primeira Guerra Mundial tinha começado, apenas, 4 dias antes, a 28 de julho.

<sup>35</sup> Stein, *Estrellas amarillas*, 274.

<sup>36</sup> Cf. Stein, *Estrellas amarillas*, 322.

<sup>37</sup> Stein, *Estrellas amarillas*, 370.

Marcante experiência, num encontro fortuito. Epifania e desvelamento dessa verdade, que se coloca diante de Edith. A *verdade* revelada nas coisas, que aparecem e que, para as alcançar, apenas necessita descobrir essas mesmas coisas, abrindo-se a elas. Ela, que atravessara esta fase de procura da verdade, com o desejo constante e vincado de chegar «à clareza, à compreensão teórica e intelectual»<sup>38</sup>. O segundo acontecimento chave é a defesa da sua tese de doutoramento, com nota máxima, em agosto de 1916, marcando o final desta etapa, que se nota, inclusivamente, na sua *Autobiografía*, constituindo o último momento narrado. Assume como que se fosse o fecho de um capítulo, onde nada mais há a escrever, para dar lugar, unicamente, ao encontro. O trampolim é-lhe, assim, colocado e, apenas, aguarda o salto de Edith Stein: no mesmo ano, conclui o doutoramento e encontra-se, fortuitamente, com o religioso, que passará a ser, na vida de Edith, uma interrogante.

Edith tinha começado esta fase na psicologia, mas, logo, deu lugar à fenomenologia, que jamais abandonou. Durante este percurso experienciou, bem de perto, a dor e o sofrimento da guerra, como voluntária, e viveu submergida nesse mundo académico e intelectual, que a fez avançar, cada vez mais. Concluiu este período, deixando que se desvelasse, diante de si, essa verdade, através de alguém concreto e anónimo, ao mesmo tempo que se tornou especialista na fenomenologia, que a apaixonara. No exterior, tudo pode permanecer escuro, apagado e até sombrio. A guerra continua a devastar e a deixar um rasto tenebroso. No entanto, o caminho é para fazer sem medo, deixando uns para trás e sabendo que outros caminham a seu lado: «Husserl estava radiante de alegria. O próprio reitor havia proposto *summa cum laude*. Já passava da meia-noite quando nos despedimos. Já não havia comboio. Tínhamos que ir andando, totalmente, às escuras. Por causa dos ataques aéreos, tudo estava, completamente, apagado»<sup>39</sup>.

Depois da defesa da tese, e como assumindo uma nova postura, numa inovadora fase, em que se abre diante dela um futuro promissor, assume, como especialista no método fenomenológico, a assistência daquele que considerará, sempre, o seu mestre, Edmund Husserl, a quem auxilia, transcrevendo os seus manuscritos, ao mesmo tempo que inicia os novos alunos neste método, que a seduzira: a fenomenologia. Agora, como doutorada e assistente de Husserl, o patamar é outro: o de viver, ainda mais enamorada por esse caminho de busca da verdade, cuja calçada é a própria fenomenologia.

---

<sup>38</sup> De la Potterie, «Verdade», en *Diccionario Enciclopédico da Bíblia*, 1547.

<sup>39</sup> Stein, *Estrellas amarillas*, 379.

Chegados ao final da segunda fase da vida de Edith Stein, vemos como nela se articulou o conceito grego de *verdade*, que assenta nesse constante querer chegar à clareza intelectual, à compreensão teórica, que foi desvelando caminho de procura, essa mesma verdade, cada vez mais, alicerçada na fenomenologia e nas experiências, que a fazem transparecer.

### 3. 'EMET': FASE DO ENCONTRO

O final da tese de doutoramento e da sua *Autobiografia* são o virar da página para uma nova fase, mais madura: a fase do encontro, que se articula com a noção de *verdade*, na etimologia hebraica, transliterada no conceito *'emet*. Este conceito, distinto do conceito grego, «provém de pontos de vista bem diferentes que a nossa noção ocidental, a qual remonta, principalmente, à terminologia grega»<sup>40</sup>. Damos um salto para um conceito mais diferenciado, assente numa outra cultura, e que implica muito mais do que clareza ou concordância entre o pensamento e a realidade. Neste novo conceito, assente na noção bíblica de *verdade*, «é existencial; corresponde a um desejo prático de conhecimento para a vida. Na própria Bíblia<sup>41</sup>, entretanto, a noção passou por uma evolução: no judaísmo e no NT, o termo verdade é, cada vez mais, relacionado com a lei, a revelação, a palavra de Deus»<sup>42</sup>. A *verdade* carrega em si, segundo esta terminologia hebraica, um sentido mais profundo, mais relacionado com a ideia de confiança em Deus ou no outro, que cumpre o que promete, onde não há espaço para a inconsistência. Por isso, na conceção bíblica, aparece a *verdade* com o sentido de *firmeza, constância, fidedignidade*, apontando que, apenas, o 'verdadeiro' é «aquilo em que o homem pode confiar e se apoiar. O caminho da verdade é o caminho certo, que leva ao fim almejado»<sup>43</sup>. Assim, a *verdade* implica, forçosamente, confiança.

Da mesma raiz deriva também a palavra *Amém*, que podemos traduzir como 'assim seja' e que se alinha, igualmente, nesta perspetiva de uma *verdade* relacionada com a esperança, que projeta no futuro, com a fidelidade, que gera confiança, e, independentemente, de ser aplicada a Deus ou aos homens, esta *verdade* pode ser traduzida por fidelidade. «O verbo 'aman do qual se forma *'emet* (verdade) significa, fundamentalmente: ser sólido, seguro, digno de confiança; a verdade é, pois, a qualidade do que é estável, comprovado, aquilo sobre o que nos podemos

---

<sup>40</sup> De la Potterie «Verdade», em *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, 1547.

<sup>41</sup> Para uma abordagem mais completa da relação entre ἀλήθεια e 'emet no Sagrada Escritura: Rudolf Bultmann, «ἀλήθεια», em *Grande Lésico del Nuovo Testamento*, I, ed. G. Friedrich (Brescia: Paideia, 1965), 640-673.

<sup>42</sup> De la Potterie «Verdade», em *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, 1547.

<sup>43</sup> De la Potterie, «Verdade», em *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, 1548.

apoiar»<sup>44</sup>. Associado a este *Amém*, descobre-se a palavra *'emúnab* que «significa “segurança”, “firmeza”, e, em termos interpessoais, fidelidade e confiança, que é aquilo que dá solidez e segurança à nossa vida, instituindo uma relação que não é a do sujeito que conhece com o objeto conhecido, mas a de um sujeito a propósito de outro, em que se fia e em quem confia»<sup>45</sup>.

Recetivos a esta *verdade*, que se encontra na fidelidade e na confiança de quem procura, entramos na terceira e derradeira fase da vida de Edith Stein, que dialoga com este conceito hebraico de *verdade*: a fase do encontro com a Verdade, que identifica entre 1917 e 1921, como o ajustar de um caminho, que vem de trás: da convulsão é levada ao desvelamento, e é esse gradual desvelar que faz germinar o encontro. «No período, que vai do final de 1917 ao verão de 1921, Edith Stein concretiza a lenta maturidade de uma decisão fundamental»<sup>46</sup>.

Apesar de ser uma fase de encontro, este só se produz como fruto de um processo que, como se valida, vem de longe, não acontece ou surge do nada, mas, é todo ele marcado pela crise que purga e purifica, ou seja, «não confundir a crise com o conflito. São duas coisas distintas... A crise, geralmente, tem um desfecho positivo, enquanto o conflito cria, sempre, um contraste, uma competição, um antagonismo, aparentemente, sem solução»<sup>47</sup>.

Esta fase, como consequência do experienciado no seu percurso, começa com a publicação da sua tese *Zum Problem der Einfühlung*, em fevereiro de 1917, coroando todo o seu trabalho fenomenológico e intelectual. No entanto, não tardará a que a frustração se abata sobre Edith: não é, apenas, o trabalho desenvolvido com Husserl, que lhe ocupa demasiado tempo e não lhe dá espaço à colaboração filosófica, mas é, também, o agudizar da sua crise religiosa e aqui, já não se trata de um afastar do campo da fé, como outrora, ou assumir uma postura intelectual de ateísmo; são as experiências de outros, em seu redor, que vão marcando um certo ritmo à sua vida e, acima de tudo, lançando questões inquietantes e perturbadoras.

As conversões ao cristianismo – catolicismo ou protestantismo – de vários do seu círculo mais próximo, interrogam, profundamente, Edith, que procura respostas, onde, tantas vezes, não consegue formular perguntas: o seu mestre Husserl, o casal Conrad-Martius, Max Scheler, que lhe havia apresentado a fé como um novo mundo, para si, ainda desconhecido<sup>48</sup>, Koyré, Adolf Reinach. Deste último, o impacto será maior, não apenas pela sua conversão e batismo,

---

<sup>44</sup> De la Potterie, «Verdade», em *Vocabulário de Teologia Bíblica*, 1057.

<sup>45</sup> António Couto, *Do lado de cá da meia-noite. Atravessar a crise* (Apelação: Paulus, 2021), 59.

<sup>46</sup> Ezequiel García Rojo, *Edith Stein: existencia y pensamiento* (Madrid: Editorial de Espiritualidad, 1998), 61.

<sup>47</sup> Francisco, *Discurso à Cúria Romana, por ocasião da apresentação das felicitações de Natal*, acessado a 12 de julho de 2023.

<sup>48</sup> Cf. Stein, *Estrellas amarillas*, 239.



mas, pela proximidade que se estabelecerá, mesmo depois da sua morte, nesse mesmo ano 1917, na Primeira Grande Guerra, dedicando-se dos seus escritos para futura publicação, a pedido da viúva. Com a viúva Anne Reinach e com a sua postura de fé inquebrantável, que a sustenta, Edith experimentará o primeiro dos Encontros, como ela própria reconhecerá, mais tarde, que se tornará fundante no seu percurso e inaugura nela um período de crescimento interior, o qual a marcará, de forma permanente, como se gravado *com um estilete de ferro*. «Quatro anos de luta interior seguiram-se a este acontecimento, e neste período de tempo impressiona-a a força religiosa dos homens simples»<sup>49</sup>.

Ocupada e absorvida pelos escritos de Reinach, acaba por decidir-se a deixar, de forma voluntária, a assistência a Husserl, já em 1918, mantendo por ele uma distinta estima e admiração. O futuro vai-se tecendo, ainda, que Edith Stein não tenha consciência de todas as construções que vão compondo a verdadeira obra. Esta fase de encontros, vai desenhando e arquitetando outros novos, que lhe vão facultando possibilidade de fazer experiência da vida, em si, conjugando-a com a intelectualidade e, assim, de encontro em encontro, há-de preparar-se para o derradeiro Encontro. Todas as experiências aglutinadas vão, a par dos livros, que vai lendo, desde Santo Agostinho a Kierkegaard, passando por Santo Inácio de Loyola, reconstruindo a sua vida, a tal ponto que, em outubro deste ano 1918, comenta com Roman Ingarden: «Para mim, a nova vida está tão, intimamente, ligada aos eventos do ano passado, que, em certo sentido, nunca me desligarei deles; para mim, eles serão, sempre, uma presença muito viva. Neles não vejo nenhum infortúnio, pelo contrário, eles fazem parte da minha herança mais valiosa»<sup>50</sup>. Aliás, é precisamente durante este período, entre 1917 e 1919, que se intensifica a correspondência com Roman Ingarden.

Com o final da Primeira Guerra Mundial, Edith embrenha-se ativamente nas questões políticas na República de Weimar. Conhece, nesta fase, um envolvimento sério na política, desenvolvendo trabalhos científicos, que refletem e expõem o seu pensamento. No entanto, como vemos, numa carta a Ingarden, não se fica, apenas, pela teoria, integrando a fundação de um novo partido: «Estou muito metida em questões políticas. Fiz-me membro do novo partido

---

<sup>49</sup> Schulz, «Edith Stein, de Peregrinación hacia Dios Verdad», 151.

<sup>50</sup> Edith Stein, «Carta 66 (10.X.1918)», em *Obras Completas*, vol. I, *Escritos Autobiográficos y Cartas*, dir. por Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho (Vitoria-Madrid-Burgos: Editorial Monte Carmelo-Ediciones El Carmen-Editorial de Espiritualidad, 2002), 654.

democrático alemão, inclusivamente, é possível que seja, em breve, eleita para o comité executivo do partido»<sup>51</sup>.

Contribuí, simultaneamente, a persuadir as mulheres a votar naquelas que seriam as primeiras eleições livres da Alemanha, em que as mulheres tiveram acesso ao sufrágio: «Além da fundação do partido, estou ocupada no trabalho explicativo, necessário, para convencer as mulheres, que acorram às eleições»<sup>52</sup>.

O final da Guerra traz, também, consigo o recuperar, ou melhor, o dar continuidade, com maior tenacidade, ao seu intuito de aceder a uma cátedra, tentando Gotinga, Friburgo e Kiel, no entanto, sem resultados.

Se o final da segunda fase apresentada, a fase do desvelamento, apresenta uma espécie de estágio, no voluntariado durante a Grande Guerra, que a inaugurará na experiência e no contacto com a dor e o sofrimento, o final desta terceira fase, de encontro, traz consigo, uma espécie de retiro, que a faz regressar às origens – passando quase a totalidade, do ano 1920, em Breslávia –, como que um retorno ao princípio, para ver, com olhar renovado, com espírito desafogado e com o intelecto arreigado, os detalhes com que a sua vida se foi arquitetando e reconstruindo nos últimos anos. Apesar de ter mudado de residência, como tivemos já oportunidade de ir acompanhando, com frequência, voltava aqui, a Breslávia, à casa materna, onde se restabelecia e revigorava o coração.

E se esta terceira fase iniciara com a publicação da sua tese de doutoramento, contribui para o encerramento a publicação das obras e escritos de Adolf Reinach, nos quais trabalhara, ao longo de toda esta fase, e que foram operando, no silêncio do seu espírito, a continuidade desse encontro com a cruz. Mas o derradeiro encontro, ainda, estaria por vir, neste mesmo ano de 1921, depois de todo um processo, que se faz na continuidade. Todo ele, inundado e marcado pela crise, como observamos, fazem-na passar pelo crivo, vão joeirando a vida de Edith Stein, provocando avanços e recuos, num caminho persistente, resiliente, proactivo e paciente. Aliás, «o caminho, sempre, tem a ver com os verbos de movimento. A crise é movimento, faz parte do caminho. Ao contrário, o conflito é um caminho fictício, é um girovagar sem motivo nem finalidade, é permanecer no labirinto, é só desperdício de energias e ocasião de mal»<sup>53</sup>.

---

<sup>51</sup> Edith Stein, «Carta 73 (30.XI.1918)», em *Obras Completas*, vol. I, *Escritos Autobiográficos y Cartas*, dir. por Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho (Vitoria-Madrid-Burgos: Editorial Monte Carmelo-Ediciones El Carmen-Editorial de Espiritualidad, 2002), 664.

<sup>52</sup> Stein, «Carta 73 (30.XI.1918)», I: 664.

<sup>53</sup> Francisco, *Discurso à Cúria Romana, por ocasião da apresentação das felicitações de Natal*, acessado a 12 de julho de 2023.

O encontro capital não causa alarde, nem implica multidões. Precedido por outros encontros, acontece a sós, no silêncio, como se de um segredo se tratasse. E, como já vimos, no primeiro capítulo, é, assim mesmo, que ficará para Edith: *secretum meum mihi*, de tal forma, que se torna indizível: «Sobre o que me levou a tal, não escrevi nada. E a verdade é que, isso, é difícil de dizer e impossível de escrever»<sup>54</sup>.

O que nos chega mais pormenorizado é-nos relatado por Teresa Renata Posselt, que fora Mestra de noviças de Edith, no Carmelo de Colónia, numa biografia, que escreveu sobre ela. Este relato, na terceira pessoa do singular, por mais fidedigno que seja e por muito que evite os enfeites e a fantasia de quem o escreve é, sempre, uma narração da vida de outra pessoa, tendo em consideração o relato, certamente, ouvido da própria Edith, e evidencia, portanto, pormenores pessoais de outros e não os próprios. Não obstante, são uma oportunidade de nos abeirarmos deste acontecimento, que marca o fim da busca da verdadeira fé e o encontro com a Verdade.

Ao que tudo indica, muito provavelmente, num dos dias de verão, estando Edith na casa dos Conrad-Martius, em Bergzabern, lê o *Livro da Vida* de Santa Teresa de Jesus, uma autobiografia de Santa Teresa de Ávila, que lhe havia sido oferecido por Anne Reinach, no verão de 1921. Este livro – indubitavelmente indispensável neste processo de conversão e caminho espiritual de Edith Stein – Edith Stein levou, provavelmente, para sua leitura em Bergzabern, tendo-se considerado, erradamente, como pertencente à biblioteca de Conrad-Martius. No entanto, o testemunho de Pauline Reinach, irmã de Adolf Reinach e cunhada da Anne, durante o processo de beatificação de Edith, é esclarecedor: «no Verão de 1921, quando a Serva de Deus se ia despedir de nós, eu e a minha cunhada pedimos-lhe que escolhesse um livro da nossa biblioteca. A sua escolha recaiu numa biografia de Santa Teresa de Ávila, escrita pela própria. Desse pormenor, tenho a certeza absoluta»<sup>55</sup>. Segundo a Madre Posselt, a sua primeira biógrafa, Edith, lendo o livro de enfiada, termina, já de noite, e, quando acaba de ler, reconhece e exclama: *Isto é a verdade*.<sup>56</sup> Edith, nos seus escritos, nunca refere esta frase, como no-la narra Posselt, até porque, continuará no encaixe dessa Verdade, sendo a sua vida disso testemunha. O que assegura, mais tarde, em *Como cheguei ao Carmelo de Colónia*, é que aquele Livro pôs fim à sua longa

---

<sup>54</sup> Edith Stein, «Carta 107 (15.X.1921)», em *Obras Completas*, vol. I, *Escritos Autobiográficos y Cartas*, dir. por Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho (Vitoria-Madrid-Burgos: Editorial Monte Carmelo-Ediciones El Carmen-Editorial de Espiritualidad, 2002), 721.

<sup>55</sup> Sacra Congregatio Pro Causis Sanctorum, *Canonisationis servae Dei Teresiae Benedictae a Cruce* (Roma, 1983), 437.

<sup>56</sup> Relato da conversão de Edith Stein escrito pela Madre Posselt, cf. M. Teresa Renata del E.S. (Posselt), *Edith Stein. Una gran mujer de nuestro siglo* (Burgos: Monte Carmelo, 1998), 98-100.

busca pela verdadeira fé<sup>57</sup>, sabendo que «a verdade que a fé nos descerra é uma verdade centrada no encontro com Cristo, na contemplação da sua vida, na percepção da sua presença» (LF 30). A busca da verdade, que sempre a guiou, começa a materializar-se, de forma concreta, com a descoberta, que faz na leitura do livro autobiográfico de Santa Teresa de Ávila. Depois de procurar em tantos clássicos de filosofia e de espiritualidade cristã, «é na autobiografia de Santa Teresa, que Edith encontrou a exposição de experiências próprias»<sup>58</sup>. É, precisamente, um problema existencial o que narra o *Livro da Vida*, que Edith lê. E nele, certamente, se revê. Não tanto pelos contornos concedidos por Teresa de Ávila, em ser e viver, ou não, como uma autêntica religiosa, mas, acima de tudo, porque as linhas gerais do pensamento e exposição da Santa Teresa encaixam na vida de Edith e nelas vê as substâncias da sua vida: a busca incansável da Verdade, também, ela uma busca existencial, que a forçam a travar batalhas interiores e a sofrer, silenciosamente.

Para podermos compreender, na sua globalidade, o que, realmente, implica e significa a profunda sintonia entre Teresa e Edith, teríamos de fazer uma análise da doutrina desenvolvida, por Edith, nos anos que precedem o encontro, e que são a base, juntamente, com a sua própria experiência de Deus, dessa profunda sintonia<sup>59</sup>.

De encontro em encontro, deu-se o último e verdadeiro Encontro, aquele que lhe proporcionou o clique final e necessário para chegar ao término de um processo, que implica respostas, da sua parte. «A peregrinação de Edith Stein tinha chegado à primeira meta do seu caminho; havia encontrado a Verdade, há tanto tempo procurada. Vários anos de preparação tinham preparado o terreno para este acontecimento, que sucedeu de repente, com a velocidade de um raio»<sup>60</sup>.

---

<sup>57</sup> Cf. Edith Stein, «Cómo llegué al Carmelo de Colonia», *Obras Completas*, vol. I, *Escritos Autobiográficos y Cartas*, dir. por Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho (Vitoria-Madrid-Burgos: Editorial Monte Carmelo-Ediciones El Carmen-Editorial de Espiritualidad, 2002), 500.

<sup>58</sup> Waltraud Herbstrith, *El verdadero rostro de Edith Stein*, trad. Sánchez de Toca (Madrid: Ediciones Encuentro, 1990), 75.

<sup>59</sup> Francisco Javier Sancho Fermín, *100 Fichas sobre "Edith Stein"* (Paço de Arcos: Edições Carmelo, 2008), 29.

<sup>60</sup> Schulz, «Edith Stein, de Peregrinación hacia Dios Verdad», 152.

## CONCLUSÃO

A tal Verdade que procurara de forma persistente e tenaz é, finalmente, encontrada por Edith. Essa tal *verdade*, que segundo a conceção hebraica, conduz à confiança e à fidelidade: *'emet*, «que não tem a ver com a “adequação entre a coisa e a mente” (*adequatio rei et intellectus*), como referem Aristóteles e Tomás de Aquino, em que o sujeito submete o objeto, para dele se apoderar, representando-o e reproduzindo-o na mente, mas que traduz uma pessoa que é fiel e serve de arrimo a quem nela se queira segurar com o seu *'amen*»<sup>61</sup>. Formada por apenas três letras – que correspondem, no alfabeto hebraico, à primeira letra, a uma letra do meio e à última letra – carrega, em si, um significado profundo evidenciando um conceito de *verdade*, que tudo abarca, que tem princípio, meio e fim, que aponta no sentido da fidelidade e da perseverança como características primordiais, que vão muito mais além da autenticidade ou sinceridade, que a tornam mais intrínseca e medular do que uma mera compreensão teórica e intelectual ou, até, o de manter a memória de si. Por sua vez, denuncia que esta verdade, apenas, é compatível no seu todo, não havendo espaço a ‘meia verdade’ ou a uma verdade adaptada: para ser verdade é necessário ser inteiro, ser completo, ter princípio, meio e fim que, na solidez impulsiona o âmago da vida humana, na relação com Deus e com os outros. Assim, se revela esta fase na vida de Edith. Desta forma, se manifesta a *verdade* neste Encontro com a Verdade, que «não é tanto uma característica da inteligência, mas uma dimensão da existência assente na confiança»<sup>62</sup>. A fidelidade e perseverança conduziram-na até aqui, onde se dá o encontro com a Verdade, no seu todo, na sua totalidade, onde não cabem mais ‘meias verdades’.

A pergunta «Que é a Verdade?» (Jo 18,38) a que tanto procurara responder – desde a psicologia à fenomenologia, das crises existenciais às crises espirituais, do envolvimento na vida ativa política e social à relação com os diferentes intermediários que com a sua vida vão tingindo Edith Stein de atitudes – fazem-na alcançar a solução e encontrar uma resposta. Todo o caminho percorrido, até aqui, desvela-se numa autêntica manifestação, numa epifania de encontro, «e por isso, já não vale perguntar ao jeito de Pilatos: “O que é a verdade?” (Jo 18,38), mas terá de se pôr a pergunta em modo pessoal: “Quem é a verdade?” A primeira pergunta desfaz-se em opiniões e em respostas sem fim. À segunda, só alguém como Jesus pode responder assim: “Eu

---

<sup>61</sup> António Couto, *Do lado de cá da meia-noite*, 60.

<sup>62</sup> António Couto, *Do lado de cá da meia-noite*, 60.

sou a verdade” (Jo 14,6)»<sup>63</sup>. Eis que, por fim, Edith alcança descobrir a verdade, que perseguia desde há muito, uma verdade que não entrava não suas reflexões filosóficas ou elucubrações racionais, «mas, que de alguma maneira vinha intuindo. As distintas verdades com que tropeçou ao longo da sua vida e estudos não são mais que componentes ou reflexos desta Verdade, agora, descoberta: a Verdade por excelência que é Deus mesmo»<sup>64</sup>.

Uns anos volvidos deste encontro, melhor digeridas e assimiladas as experiências, com a sabedoria do tempo, que ajuda a aclarar o coração e a ver, com nitidez e em retrospectiva, comentará com Ingarden:

A mim aconteceu-me como acontece a quem estava em perigo de afogar-se, e a quem muito depois, num quarto claro e quente, onde se está muito seguro e rodeado de amor e carinho e de mãos bondosas, de repente se lhe apresenta a imagem da escuridão e do abismo frio. Que outra coisa deve sentir-se, senão temor e com ele uma gratidão ilimitada, diante do poderoso braço a quem agarrou, maravilhosamente, levando-o a terra firme<sup>65</sup>.

A busca da verdade, modelada pela crise, atravessa três fases, que vão da convulsão ao encontro, passando pelo necessário desvelamento. Foi necessário todo esse percurso evolutivo para descobrir essa Verdade, que procurava, e em conclusão, é essa mesma Verdade que a encontra: «Edith Stein, finalmente, chega a descobrir a verdade, que tinha perseguido por muito tempo; uma verdade que ela mesma não tinha imaginado, porque não entra nas suas deduções filosóficas, mas que, de alguma forma, se lhe vinha desvelando aos poucos»<sup>66</sup>.

Vimos como o conceito hebraico ultrapassa a conceção grega, que necessita de argumentos racionais, onde para algo ser *verdadeiro* tem de ser correspondente ao real e, portanto, evidente: na etimologia hebraica, a *verdade* surge como algo que é transmitido por uma autoridade confiável, ou seja, apenas é e se torna *verdadeiro* «aquilo em que o homem pode confiar e se apoiar»<sup>67</sup>. E é assim, assente nesta confiança e sustentando-se no Encontro derradeiro, que a vida de Edith se transforma. É de tal forma fundante este Encontro que, assente nesta ideia de *verdade*, podemos ver na vida de Edith Stein aquela confiança, que a criança deposita em quem reconhece

---

<sup>63</sup> António Couto, Do lado de cá da meia-noite, 60-61.

<sup>64</sup> Waltraud Herbstrith, Ezequiel García Rojo, María Amata Neyer, *En el camino de la verdad: Edith Stein* (Madrid: Editorial de Espiritualidad, 2013), 55.

<sup>65</sup> Stein, Carta 133 (13.XII.1925), *Obras Completas*, vol. I, 761.

<sup>66</sup> García Rojo, *Edith Stein: existencia y pensamiento*, 61.

<sup>67</sup> De la Potterie, «Verdade», em *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, 1548.

como autoridade e não naquilo que se reflete como sendo manifesto, patente ou fidedigno. A confiança, que a criança deposita na palavra da mãe ou do pai, por exemplo, ultrapassa os limites racionais ou da lógica e assenta na confiança, que essa mesma autoridade imprime, na autoridade daquele em quem confia. De mãos dadas, sem se dar conta, coloca a confiança e a verdade, consubstanciadas, e, portanto, logicamente, se não confia, não pode ser verdade. Melhor dizendo, o que diz aquele, em quem confia, é de maior valor – de valor absoluto, até – e, portanto, é a *verdade*, em que se pode apoiar, com fidelidade e estabilidade, sem vacilar. É na confiança nessa autoridade, e não na imposição ou na própria formulação, que reside a *verdade*. Mas, esta autoridade não subjuga o outro, não inferioriza o outro, mas antes, conquista, através de vínculos que unem. E são esses vínculos, que estabelecem e aprofundam a relação, que tem a sua gênese e assentam no amor, onde se reveste e fortalece. Como sintetiza Fabrice Midal, no já citado livro: «O que é a verdade? É amor. É o fogo do amor»<sup>68</sup>.

Assim, se pode resumir a busca da verdade, em Edith Stein: procurara a verdade toda a sua vida, deparara-se com várias verdades para, no fim, se descobrir e encontrar, verdadeiramente, com a Verdade, que é o Amor, colocando como sinónimas e paralelas a sua expressão «*Deus é a verdade*»<sup>69</sup> e a expressão bíblica «Deus é amor» (1Jo 4,8). Como afirmara São João Paulo II, na homilia da canonização «A busca da verdade e a sua tradução no amor não lhe pareciam ser contrastantes entre si; pelo contrário, compreendeu que estas se interpelam, reciprocamente»<sup>70</sup>. Poderíamos dizer que são duas faces da mesma moeda, pois «se a verdade destrói à primeira vista, ela liberta numa segunda instância. Tal permite-nos respirar. É por isso que, quando a verdade aparece, o amor está presente. O amor é como o outro lado da verdade. Elas são inseparáveis uma da outra. Impossível ter uma sem a outra»<sup>71</sup>.

Este Deus, que gera confiança e arrebatada o coração, que surpreende e, apenas, exige reciprocidade. A verdade que é o próprio Deus, que é também Amor, envolve, de tal forma, Edith Stein que a conduz à conversão, ou seja, a *verter* o seu coração naquele que encontrara: «é, assim, que o amor atinge sua plenitude, a inteligência sua conformidade e a existência seu sentido pleno»<sup>72</sup>. É nesta descoberta da Verdade e do Amor, que é Deus, que Edith dá o salto que catapultava a sua vida, que a conduzirá a uma mudança de paradigma, de nome, de identidade, de

---

<sup>68</sup> Hadjadj e Midal, *Che cos'è la verità?*, 31.

<sup>69</sup> Stein, «Carta 536 (23.III.1938)», I: 1251.

<sup>70</sup> João Paulo II, «Homilia Teresia Benedicta a Cruce Sancta proclamatur», em *AAS* 91 (1999): 249.

<sup>71</sup> Hadjadj e Midal, *Che cos'è la verità?*, 30-31.

<sup>72</sup> García Rojo, *Edith Stein: existencia y pensamiento*, 69.

pensamento, e, anos mais tarde, de estado de vida, consagrando-se na Vida Religiosa carmelita. «Quem, como Edith se deixa possuir pela Verdade necessária de Deus, não pode fazer outra coisa, senão, seguir, incondicionalmente, essa Verdade»<sup>73</sup>.

O Deus da Verdade, que se manifesta no Amor, arrebatara a sua vida, fizera-a descobrir a felicidade, que, apenas, a verdade é capaz de ensinar, como refletia o seu conterrâneo Tomás de Kempis, sensivelmente 500 anos antes, na coletânea de quatro livros *Imitação de Cristo*: «Feliz aquele a quem a própria verdade ensina, não por imagens e palavras que passam, mas, tal como é. [...] Ó Deus da Verdade, faz-me um contigo no amor eterno»<sup>74</sup>.

---

<sup>73</sup> Schulz, «Edith Stein, de Peregrinación hacia Dios Verdad», 153.

<sup>74</sup> Tomás de Kempis, *Imitação de Cristo* (Prior Velho: Paulinas, 2015), 15.